

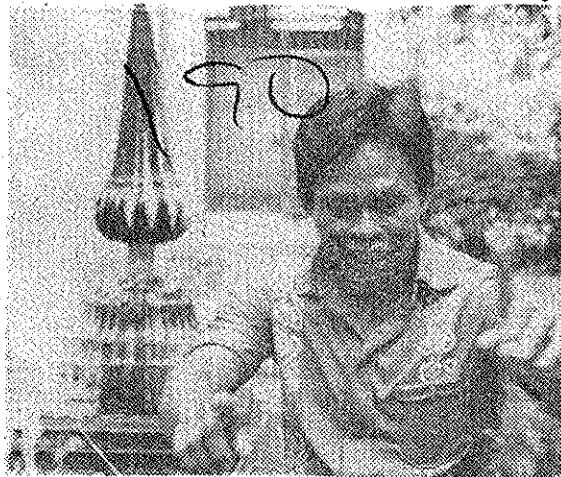
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 42

Data: 16.12.81

Pg.: _____



Cristina Poranogud

O cacique Pedro Inácio, da tribo Ticuna

Cacique Ticuna, revoltado com invasão de terras, se diz disposto à luta

Revoltado com a invasão de madeiros, fazendeiros e seringalistas que há um ano vêm depredando o território indígena dos Ticunas — em uma faixa de 400 km do rio Solimões, Amazonas —, o cacique Pedro Inácio, da aldeia Vendaval, afirmou que aguardará até dia 15 de janeiro de 82 para que o presidente da Funai, Coronel Paulo Moreira Leal, cumpra sua promessa de demarcar a reserva dos Ticunas, dispersos por 37 aldeias e dispostos a um confronto, "se isto for inevitável."

Pedro Inácio denunciou Benedito Mafra, Wilson Mafra e João Almeida, fazendeiros que estão derrubando a floresta dos Ticunas e colocando gado em suas terras. Anteontem, em Brasília, foi lida uma nota conjunta das lideranças dos partidos de Oposição, protestando contra a invasão dos barcos pesqueiros e de empresários rurais. Segundo o cacique, "o Coronel e os deputados prometem muitas coisas. Por enquanto não acredito nas promessas de nenhum deles. Prefiro esperar até dia 15 e pedir a Deus que tudo seja resolvido de forma pacífica". Pedro Inácio, que ontem passou a tarde no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, volta amanhã para sua aldeia.

Caciques unidos

Indignados com as invasões, os 31 caciques da Nação Ticuna resolveram solucionar eles mesmos seus problemas e, em fins de novembro, elegeram uma comissão para resolver o impasse com o presidente da Funai: "Dia 11 de novembro convidamos todos os caciques (capitães) das aldeias ticunas e pensamos em chamar bispo, prefeito e coronel. Mas a Funai disse que não dava para juntar essa gente toda. Então resolvemos que não vamos mais chamar nem bispo, nem prefeito, nem coronel. Resolvemos que não vamos convidar ninguém, só nós mesmos."

Com Pedro Inácio estiveram em Brasília os caciques Adércio Custódio (de Campo Alegre) e José Demétrio (da aldeia Feijoal), comissão representativa dos 18 mil índios da tribo Ticuna, uma das maiores do país.

Segundo o antropólogo João Pacheco — presidente da Comissão Pró-Índio e que esteve com os ticunas durante cinco meses —, "cerca de 6 mil hectares pertencentes aos índios estão em poder de Wilson Ribeiro Mafra, que os ticunas chamam de Mico. Esta área, Cajari, sempre foi tradicional local de habitação dos índios, com suas malocas antigas. E foi nela que o Mico se estabeleceu em 78, colocando lá diversas famílias. A situação deles é muito grave: a terra está sofrendo especulação fundiária muito grande e as produções principais — borracha, madeira e peixe — estão sendo dizimadas. Os índios estão sofrendo demais com isso, os pesqueiros possuem frigoríficos nos barcos e retiram grandes quantidades de peixe. Isso provocou uma reação defensiva por parte dos ticunas, que agora recebem os pesqueiros com armas na mão" — afirmou o antropólogo.

Além disso, conta Pacheco, "ainda há a facilidade do financiamento bancário — Banco do Brasil, da Amazônia, Caixa Econômica e Bradesco — e uma afluência de recursos muito grande. A ocupação predatória tem sido feita com o financiamento do próprio Estado, e a Funai não tem força para deter isso. A única solução é a demarcação das terras".

Dizendo-se "católico-apostólico-evangélico", Pedro Inácio relembrou a atuação de missionários que por lá estiveram durante 12 anos: "Eu agora não bebo, não fumo e nem danço. Os missionários querem que a gente acabe com a nossa religião, nossas preces e nossas danças. Eu sigo o catolicismo, mas não deixo de seguir também a minha religião, minhas preces e minhas danças."